

S. P.

Propriedade de Sérgio Pompeu



Ilha do Desencanto, 31 de outubro de 1896.

Ritual de Iniciação

A Sociedade Secreta Parthenon Místico

A noite aguardada encontrou meu coração nervoso e febril.

Estávamos diante do frontão da Mansão, entre o caminho de pedras que me trouxera até àquela estância e o Carvalho dos Sonhos. As correntes enferrujadas que mantinham presas as duas folhas metálicas jaziam intocadas, entre o barro e a relva.

Ao meu redor, todos vestiam roupas escuras e portavam antiquadas tochas. Cada uma das luminárias eléctricas da Ilha, além das lamparinas de combustão, foram desligadas. Apenas as velas nos castiçais, no interior da mansão, faziam par com o fogo das tochas que aluminaava o breu sombrio do Desencanto.

Ao nosso redor, vaga-lumes, corujas e morcegos faziam sua ronda, com os primeiros dançando abaixo, acima e no meio das árvores. Felinos miavam sua presença com seus olhos de luz em meio à densa noite. Quanto a outros animais, se faziam presentes numa cacofonia de grunhidos, coaxes e uivos.

Eu vesti um terno preto, composto de calças, colete e casaco, deixando de lado a gravata. Naquela noite, outras coisas seriam mais necessárias que a elegância.

Tinha acabado de anoitecer, com os últimos vestígios do sol queimando atrás das águas turvas do Guayba, e os integrantes do Parthenon me aconselharam a me alimentar cedo. Fui levado ao Carvalho e revisei minha imaginação que por muitas vezes questionara o que havia abaixo dos pesados portões afixados entre o chão e o caule.

Raízes ameaçadoras e selvagens saíam da terra de cada lado da abertura férrea projetando suas pontas como garras famintas que se projetavam em minha direção.

A voz que quebrou o silêncio foi de Louison, o líder daquele ritual.

"Nesta noite, estamos aqui reunidos tanto para o pranto quanto para a celebração."

Sua voz soturna alçava-se em meio ao vácuo noturno, entrecortado pelo calor das chamas e da noite abafada.

Ao redor dele, e à minha frente, estavam os outros integrantes do Parthenon, postados numa meia lua cujo centro era o pórtico subterrâneo ao pé da árvore anciã.

"Nesta noite", continuou, "estamos aqui para prantear a morte e a vida através de um percurso de geografia sagrada e profana, uma das ideias místicas mais primitivas."

Eu me concentrei em suas palavras, tentando aquietar qualquer covardia.

"Hoje, Sergio, percorrerás uma cartografia de sonho e pesadelo. Hoje, tu sem dúvida encontrarás a morte. Quanto à vida, não sabemos. Tudo dependerá do que guardas dentro de ti, entre vales de encantos e abismos de ressentimento."

Ele aproximou-se de mim e estendeu-me uma ornamentada taça metálica.

"Beba este líquido báquico não diluído em água e aceite Dionísio e suas revelações noturnas. Aceite o que não queres ver nem saber. Beba seu sangue e desobstrua seus mecanismos mentais mais comuns."

Eu obedeci, esvaziando a taça e odiando o sabor da bebida espessa e quente. Tinha a fragrância do vinho, mas o gosto era amargo e salgado.

"Dionísio é o deus dos sonhos noturnos e dos pesadelos diurnos, dos sentidos do corpo e das fomes do espírito. Ele vem da terra ctônica da qual saímos e para a qual voltaremos."

Depois disso, Louison repousou em minha mão uma raiz ressequida e tortuosa.

Enquanto fazia isso, Giovanni e Bento, deixando suas tochas com Benignus e Beatriz, desprenderam as correntes que trancavam os pórticos férreos, abrindo-os, com as dobradiças desusadas rangendo e interrompendo a descompassada música noturna.

"Os indígenas que um dia povoaram essa região", falou Beatriz, agora tomando a palavra, "possuíam o costume de mastigar essa raiz para obterem visão, profecia, revelação. Coloque-a sobre tua língua e deguste seu sumo entre os dentes."

Novamente, gosto acre, agora mesclado ao amargor da bebida anterior.

"O que tu obterás não será diferente disso. O que verás lá embaixo será real, Sergio", disse a mulher com sua pele noturna iluminada pelo fogo. "Falo tanto da geografia arcana desenhada e construída por Alfredo Magalhães quanto dos monstros que carregas dentro da tua consciência.

Enjoado, fitei os olhos de Beatriz e então os de Louison. Bento ainda estava ali?

"Tenha coragem", disse meu amigo, atrás de mim, com seu hálito próximo ao meu pescoço.

Giovanni jogou as correntes na lama e assumiu o discurso.

"Doravante, até o amanhecer, estarás sozinho. Nenhum de nós terá permissão de te salvar. Nenhum de nós poderá te auxiliar. Nenhum de nós te mostrará a saída dos Túneis Cabalísticos. Doravante estarás sozinho."

"Como na vida," disse meu eu ressentido e cínico.

Acima de mim, as folhas do carvalho dançavam com os vaga-lumes num baile natural e maldito.

Eu fechei meus olhos para tentar limpá-los e quando os abri a ilha mostrou-se como era, pulsante de vida, com os lobos saindo pra festa, as serpentes rastejando pro luar e os escorpiões, milhares deles, escalando caules e galhos como reis da noite.

"Adeus, Sergio", disse Benignus, seguido por Vitória, Giovanni, Solfieri, Louison e Beatriz. E por fim, Bento.

"Adeus, meu querido."

E deixando-os para trás, com o gosto amargo da raiz escorrendo por entre meus dentes, desci a escadaria, não levando comigo nem tocha nem vela.

Tão logo comecei a descer os degraus senti a temperatura despencar e o cheiro de terra, ossos e vermes entorpecer minhas narinas.

Um arrepio percorreu meu corpo como os dedos ávidos de um amante insone. Poucos degraus profundezas adentro, escutei as portas metálicas se fecharem.

Em segundos, correntes foram transpassadas e então perfuradas pela traça de pesados cadeados.

Eu parei.

Não havia mais volta.

Desde a saída da casa do pai, eu sabia disso.

Eu precisava avançar, invadir, mergulhar.

Inferno abaixo eu desci e desci e desci - qual a profundidade daquilo?!

Parei, tornei ar, que naquela profundidade também começava a rarear.

Avancei mais e mais até que, para meu alívio ou horror, senti a pedra da escadaria dar lugar à maciez da terra lodosa. Meus sapatos afundaram na lama.

Senti uma criatura pegajosa passear pela lateral do meu pé. Levantei-o aterrorizado e escutei o movimento viscoso se afastar. Foi quando algo caiu sobre o meu ombro esquerdo.

Eu o ignorei, não tendo coragem de levar meus dedos aquela outra criatura.

Breu. Escuridão. Desorientação absoluta.

Que cheiro maldito era aquele? Húmus? Ossos?
Carne?

Eu precisava continuar.

Segui em frente então, um passo atrás do outro.

Com minhas mãos em riste, busquei as paredes.
Depois de mais cinco passos, encontrei-a, para meu
pavor.

O que meus dedos tocaram era terra molhada
mesclada a raízes umedecidas e minhocas e vermes
em profusão. Era uma população espessa, gosmenta e
viva, se esgueirando entre meus dedos.

Eu os recolhi com pressa, preferindo a desorientação
a repulsa.

Outro mistério despencou sobre meu ombro, agora o
direito, e quando passei minha mão para limpar o
casaco de seu peso senti pequeninas patas de inseto.

Outras duas criaturas a seguiram, uma delas passeando pelo corte do meu casaco e outra se entranhando pelos meus cabelos.

Eu fora enterrado vivo!

Era disso que se tratava, não?

Eu fora tolo e estúpido. Um ingênuo. Um idiota. Tentei abrir os olhos e vi monstros saindo da escuridão.

Fechei-os com força, tentando mergulhar em mim.

Foi quando ouvi o riso de Georgina, o mesmo que ouvira no Labirinto Espectral.

Hesitante, segui, sempre com as mãos à frente e sempre esbarrando em paredes de barro gosmento, madeira apodrecida e vermes congregados em liquefeita balbúrdia.

Foi quando bati numa fria e úmida parede de pedras.

Era um outro labirinto aquele lugar?!

Foi quando lembrei de um escritos da Biblioteca, uma série de cartas enviadas por Alfredo a dois amigos europeus, sobre a disposição cabalística daqueles túneis.

Pus minhas duas mãos sobre os blocos unedecidos.

Não eram paredes retas e sim uma miscelânea ziguezagueante de túneis que reproduziam, nas entranhas da terra, a Árvore da Vida do misticismo judaico. Ali, pelo que membro dos rabiscos de Alfredo, cada um dos dez sefirot era representado por átrios... sim, átrios de pedra conectados por túneis escavados na terra.

Eu lembrava dos mapas, não lembrava?

Mas era aí que estava a dificuldade de tudo aquilo.

Ninguém nunca havia descido e mapeado as escolhas arquitetônicas de Alfredo, que nunca fora um patamar de sanidade.

Se ele tivesse seguido o diagrama tradicional, haveria trinta e dois túneis conectando aquele intrincado conjunto de átrios, isso sem considerar o abismo de Daat, o vácuo existente entre a sétima e a oitava safira.

Em resumo, eu poderia ficar até o fim dos tempos
naquele labirinto subterrâneo!

Eu parei, tentei respirar e senti ar viciado preencher
minhas narinas.

De um lado, o riso de Georgina que parecia mais
alto e menos alto.

Do outro, os rastejantes moradores daqueles túneis.

As escuras, qualquer senso de movimentação seria
prejudicado.

Corno saber, por exemplo, se estava avançado ou
simplesmente dando voltas ou o pior, dirigindo-me
ao ponto inicial, onde pesadas portas acorrentadas
me aguardavam?

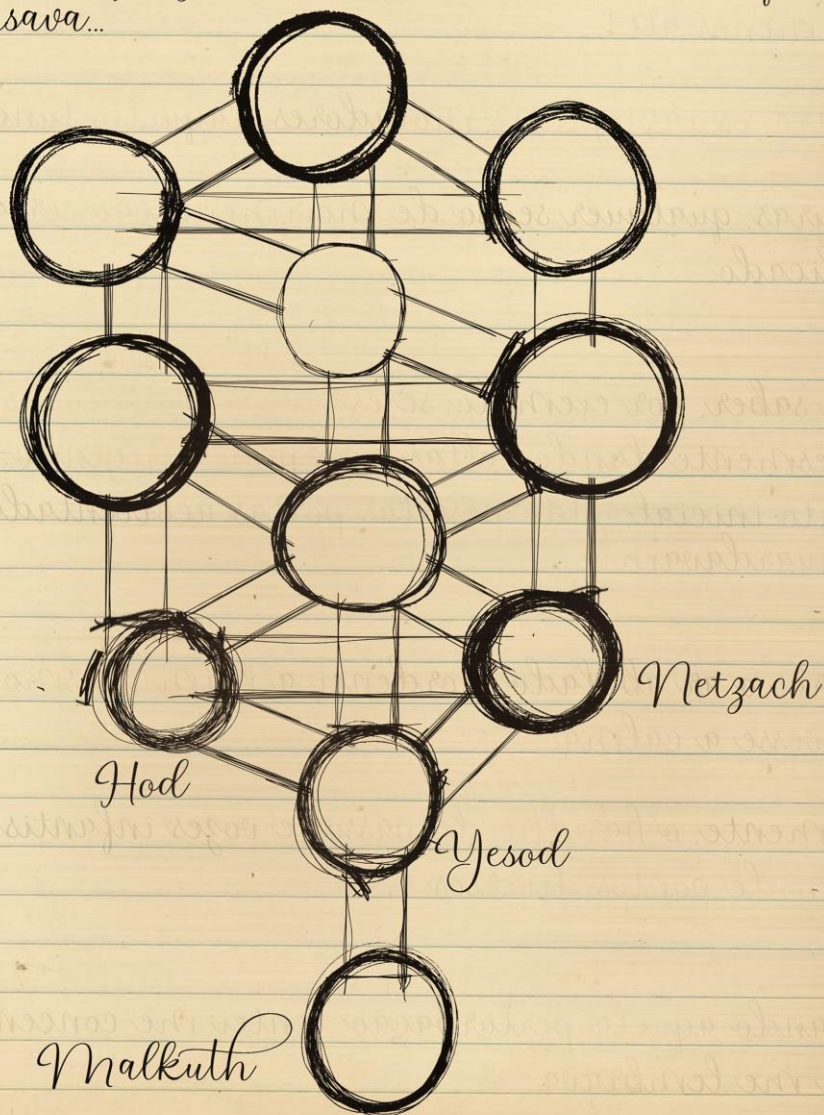
Respirei o ar abafado e ordenei a mim mesmo que
mantivesse a calma.

Novamente, o barulho de passos e vozes infantis, que
vinham de pontos diversos.

Ignorando aquela perturbação, tentei me concentrar
no que me lembrava.

Quais eram os sefirot?

Malkuth, o reino da terra, Yesod o reino das artes, Netzach, o reino da... não... pare... ordenei a minha mente. Entre Yesod e Netzach, Hod... entre o sonho e o esplendor... a lógica... sim a razão... a frieza do raciocínio... era disso que eu precisava...



Meu exercício enumerativo foi interrompido pelo silêncio.

Para em instantes resultar num som ritmado, que mais e mais se aproximava de mim.

"Eu quero ir para casa", foi a primeira coisa que escutei.

Na sequência, a mesma frase, porém pronunciada com voz mais e mais forte.

"Quem está aí?", perguntei e não obtive resposta.

"Você não quer voltar para casa?", perguntou uma voz que eu conhecia. "Eu sinto sua falta. Todos nós a sentimos", sussurrou minha mãe.

"Eu não posso... eu não posso voltar...", minhas defesas caíam uma a uma.

As lágrimas chegaram rápidas, lágrimas represadas dentro de mim há tempos. Caído na lama daqueles túneis infernais, deixei que elas viessem.

"Seu pai está morto. Você o matou. Eu estou morta. Você me matou", disse ela, sussurrando agora no meu ouvido. "Você nos matou!"

Tudo voltou do escuro cômodo da memória. Os dedos apontados, os olhares condenatórios, a execração dos lábios do pai e olhar amargurado da mãe.

"Mas Sergio", disse-me a voz familiar de uma menina, "tudo precisa morrer."

Passos se foram e passos vieram, circundando-me, aprisionando-me.

"Sim, tudo precisa morrer", eu repeti, ao lembrar-me da lebre devorada entre as folhas ressequidas do bosque.

Outros passos vinham em minha direção, seguido do mesmo riso de menina.

"Que é isso? Não adianta chorar dessa maneira!", disse-me Georgina. "Certa vez me disseram isso. Achei que poderia ajudar."

"Tens razão", eu disse, recompondo-me e enxugando as lágrimas.

Novamente silêncio.

Pus-me em pé e continuei, sentindo ainda o amargor de minhas lágrimas entre os lábios.

Indiferente do que acontecesse, eu precisava continuar.

Continuei caminhando, até esbarrar numa parede, não sabendo se era uma curva ou um beco sem saída.

Novos passos, seguidos de uma voz imperiosa.

"Meu filho, você me decepcionou!"

Era o maldito que havia me abandonado às portas do Ateneu.

"Ao invés de um forte, se tornou um covarde!"

"Saia daqui!", gritei no túnel de lama. "Eu deixei você e os seus e a casa e as leis! Saia daqui!", ouvi meus gritos ecoarem e morrerem no longo percurso dos átrios de pedra.

Som. O som poderia ajudar, não?

Eu me encostei na parede de terra e ossos e virei meu rosto à direita e gritei. O eco demorou a silenciar. Virei meu rosto então na direção oposta e repeti o grito. O eco foi mais curto. "Eu havia avançado", pensei.

Virei meu corpo à minha direita e avancei.

Passos e mais passos, com meus gritos ocasionais testando as distâncias.

Ao meu redor, seres rastejantes, fantasmas do passado e do presente seguiam comigo, vinham e partiam, para me atormentar ou me confortar.

Outra voz masculina, que reconheci como a do líder do Ateneu.

O diretor de escola me disse: "Você é louco. Se não fosse, não teria vindo aqui."

Sua voz foi seguida por uma gargalhada interminável e doentia.

"Saia daqui... eu não estou mais na escola... eu não preciso mais...", minha voz era fraca, como eu era fraco.

"Nesta escola, você tem todo o direito de falar como os porcos de cantar!"

"Mas eu pensei que...", tentei me explicar.

"Não pense! No Ateneu você tem todo o direito de pensar como os asnos de dançar!"

Novamente eu caí, dessa vez machucando meus joelhos com o impacto das pedras, ossos e galhos.

Quantas ossadas eu encontraria naquele mausoléu pantanoso?

"Os construtores desapareceram...", eu lera nalgum lugar.

Uma nova gargalhada medonha e então o silêncio.

Minha respiração ofegante sorvia o cheiro podre.

Levantei novamente, tentando me apoiar numa das paredes úmidas.

Eu gritei, mas a voz não saiu. Meu plano sonoro ruía dentro dos meus pulmões machucados pela terra e pelo cheiro dos mortos.

Escutei então outros passos, mais ritmados e certos.

"Boa noite, meu caro", disse-me Louison.

“Eu falhei então e vocês vieram me resgatar...”, lhe disse, fazendo eco ao meu desespero. Minha carne sangrando dos machucados.

“É claro que não. Somos homens de palavra, Sergio. E eu disse que nenhum de nós iria te auxiliar”, falou, ascendendo um fósforo e revelando seu rosto.

“Então, quem é você?”, perguntei.

“Então, quem é você?”, respondeu um Louison de uns vinte anos antes.

“Eu preciso sair daqui, deixar esse lugar, fugir...”, lhe disse ou me disse, não sabendo diferenciar monólogos de diálogos, ou distinguir pútrida realidade de pífida imaginação.

Ele me deu as costas, não sem antes ecoar no túnel que voltava à escuridão.

“Querer fugir de onde se está sem ter ideia de para onde se deseja ir é tolice, Sergio.” Ele acendeu mais um fósforo, sorrindo com os dentes brancos entre a barca escura. De seus olhos saíam serpentes.

Eu gritei ou tentei. Cai novamente no chão e senti seu cheiro perto do meu rosto.

“Só os estúpidos andam a esmo pelo mundo”, disse ele, antes de desaparecer.

Eu iria morrer naquele fosso imundo e aquela era a verdade.

"Quem é você? O que você quer?", sussurrou Georgina, ao pé do meu ouvido.

Mais risos, enquanto eu tentava me levantar.

"Vamos lá meninos!", disse ela pulando com seus sapatinho pela poças de água, "Repitam sem errar:"

Mas sua voz silenciou e no lugar dela surgiu a dele, sombria e grave.

"O Cisne canta ao cabrito que o canto cada cuco compreende com cascas e costas cobertas de compridas cortinas casadas com cobre e cadarço em casinhas capengas e contaminadas, cumprindo costumes de curas caducos de caraminholas, coisa comum em cabeças cacholas! Repitam comigo, meninos!!!", gritou Aristarco.

Até a porta se abrir da sala de aula se abrir.

Eu estava jogada na lama, no fundo do sepulcro, delirando.

Uma mulher, uma freira, trazia um pequeno menino com cabelos cacheados.

"Temos um novo aluno!", gritou Aristarco. "Novo aluno, diga o seu nome!"

E todos os alunos riram alta diante da timidez do infante Pompeu.

Foi quando voltei ao escuro abjeto.

E escutei pequenas patinhas correrem em minha direção.

"Vou te contar um segredo!", disse um coelho segurando um relógio. "Eu voltei no tempo! Vim aqui pra te contar que há um lobo guará perigoso nesta ilha! E que ele adora a carne de lebres!"

Eu pressionei minhas mãos sobre meus ouvidos, temendo a loucura que se arrastava até mim.

O coelho partiu e eu deitei sobre a terra úmida, sendo abraçado por cobras, aranhas e outras criaturas daquele turbulento.

"O jantar estava servido. Essa é minha carne. Esse é meu sangue. Comam o pão e bebam vinho."

A voz do padre perfurava meu ouvido.

Seus passos chegaram de mansinho e então ela deitou ao meu lado.

"Cuide dos sentidos das palavras & os sentidos do corpo cuidarão de si mesmos."

Eu ri daquela linguagem de sonho.

"Proteja os severos sons dos fonemas & as sensações dos morfemas cuidarão de si mesmas", disse o coelho, antes de ser atacado e despedaçado.

"Seja aquilo que você precisa ser", disse o lobo faminto.

E então Georgina:

"Faça o que você precisa fazer".

Era aquilo que eu precisava fazer: silenciar o passado de condenações e seguir com o que eu era, com o que eu sentia, com o que apenas eu, somente eu, sabia ser correto.

Concentrando todo o meu esforço e coragem, ordenei às vozes que silenciassem e quando isso não aconteceu, concentrei em minha respiração.

Disse a mim mesmo que aquele lugar era um construto de medos intrínsecos, galhos imaginários e pedras inúteis, como ossadas mortas enterradas no pântano da consciência.

Eu me levantei e não atentei mais às vozes, nem as reais nem às imaginárias, limpando minha roupa da imundície, dos vermes e dos insetos.

Respirando fundo, comecei a listar cada componente do diagrama cabalístico, vendo em minha imaginação sua disposição triangular triplice e os caminhos diagonais que o marcavam. Antes disso, porém, precisava me localizar.

Lacrei meus lábios e deixei que apenas minhas narinas puxassem o ar.

Umedeci minha boca e deixei saliva mergulha em minha garganta. Repeti isso por bastante tempo, até sentir que minhas cordas vocais estavam novamente em condições de trabalhar.

Respirei fundo e então gritei, em quatro direções diferentes.

Identificando o caminho que menos propagou minha voz, achei minha origem, minha entrada naquele sepulcro.

Fui em sua direção, de vez em quando testando o percurso com meus gritos e não esquecendo de fechar os lábios, sorver o ar e umedecer minha garganta.

Quando cheguei ao pé da escadaria por onde havia descido, notei que, apesar de horas naquele inferno, eu mal avançara naquela cacofonia.

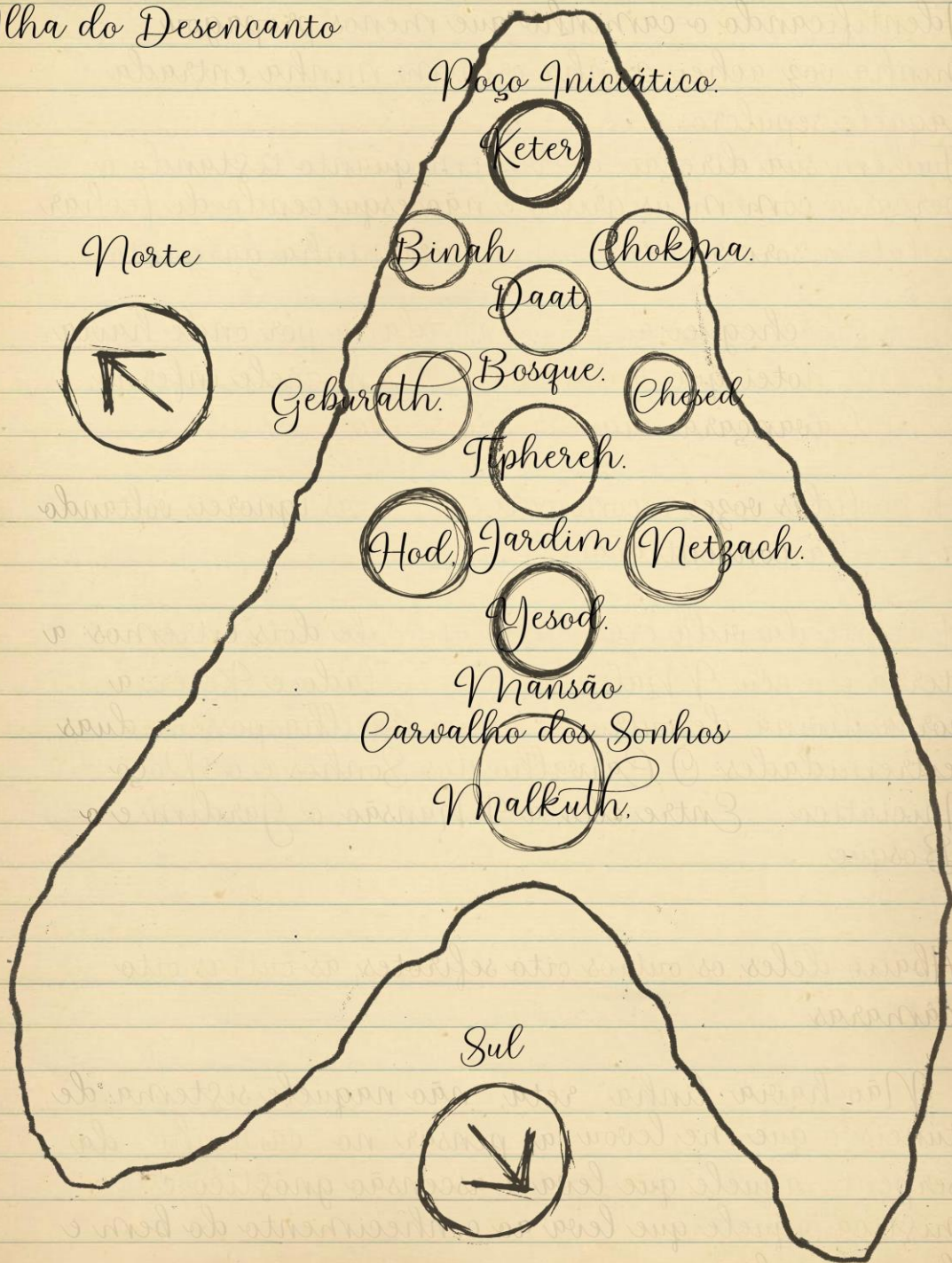
As pífidas vozes recomeçaram e eu as ignorei, voltando à minha concentração.

A árvore da vida era constituída de dois extremos: a terra e o céu. Malkuth, de um lado e Keter, a coroa divina, de outro. O mapa da ilha possuía duas extremidades: O Carvalho dos Sonhos e o Poço Iniciático. Entre eles, a Mansão, o Jardim e o Bosque.

Abaixo deles, os outros oito sefirot, as outras oito câmaras.

Não havia linha reta, não naquele sistema de túneis, o que me levou a pensar no caminho da serpente, aquele que leva à ascensão gnóstico e mística, aquele que leva ao conhecimento do bem e do mal e além.

Ilha do Desencanto



Abraçando o opositor, deixei então o mundo terrestre de Malkuth e segui reto até alcançar o segundo átrio, aquele associado à Fundação dos sonhos e desejos, Yesod. Lá, revi quem era e meus sonhos passados e futuros.

Não havia um único vínculo entre eles.

À minha esquerda, tornei o túnel que me levaria até Hod, o Esplendor do pensamento lógico, onde pude revisitar não apenas números, regras e fórmulas, mas fusão de todas elas na maquinaria do meu corpo e do meu coração pulsante e delirante.

Dobrei à minha direita e segui, por ondas de dúvida e desolação, até o átrio pétreo de Netzach, o caminho da Vitória e da Arte, produzidas a partir do júbilo dos sonhos e delimitado pelas leis da razão.

Determinado, avancei, túnel após túnel, átrio após átrio, vencendo os desafios da Beleza que entenece e enfraquece, da Severidade que assola e fortalece até chegar à Compaixão necessária para perdoar os outros e a mim mesmo.

Netzach.

Tiphareth.

Geburah.

Antes de gritar minha bússola de voz, eu dizia as palavras sagradas como mantras de energia e consciência, no breu da escuridão imaginária.

Ignorando as vozes dos pais, da família, do passado, dos fantasmas, eu avancei, entre pedras afogueadas, lodos de maledicência e paredes infindas de desinformação.

Ignorando as tortuosidades da via subterrânea e
seus percalços de ossos, pedras e
vermes.

eu

cheguei

ao

abismo

de

Daat.

Eu o suplantei sem pressa, dando-me conta de que o vale da sombra tenebrosa não passava de um planalto arredio, um terreno ressequido onde flores não brotavam e plantas não frutificavam.

Ignorando meu medo, caminhei em direção ao Entendimento e à Sabedoria, os reinos perdidos e solitários de Binah e Chokma.

Foi ao ultrapassar o segundo deles, perdido em pensamentos de gratidão e desejo, que eu vi a luz.

Não dos anjos dos céus condenados nem dos fogos infernais da condenação.

Apenas a luz do dia que nascia, cujo brilho iluminava o Poço Iniciático.

Lá estava, a dezenas de metros, o primeiro degrau da ascensão.

Acima dele, um círculo de luz que significava a vida e o amanhecer de mais um dia debaixo do sol, com seus prazeres fugidios, seus sorrisos de fogo e suas lágrimas de compreensão.

Alquebrado e fragilizado, imundo e cansado, sedento e faminto - em resumo, vivo - mas não destruído, não invalidado, eu avancei.

Depois do primeiro degrau, os outros foram fáceis. Não simples, mas fáceis, apesar do corpo esgotado e das pernas enfraquecidas e doloridas.

Eu subi cada degrau do Poço Iniciático sentindo apenas gratidão. Nada mais.

Abaixo e atrás de mim ficaram o passado e minhas derrotas.

Quando cheguei à superfície, finalmente, e vi meus amigos, recusei o auxílio que me ofertaram para deixar a escadaria infernal.

Corno o trajeto anterior, aquele era um caminho que eu precisava trilhar sozinho.

Eu fui em direção ao Guayba, tirando minhas vestes imundas.

Nu, mergulhei meu corpo em suas águas frias e límpidas.

Eu sabia o que eu precisava ser.

Eu sabia o que precisava realizar.

E eu finalmente sabia - sendo esse o mais importante de todos os conhecimentos - quem eu era.

Meu nome era Sergio Pompeu

& eu integrava o Parthenon Místico.

Daquele dia em diante, o passado ficaria no passado.

E as vozes do desejo seriam meus únicos guias futuros.

3 En saber o que en precisava ser

3 En saber o que precisava realizar

3 En finalmente saber - sendo esse o mais importante de todos os conhecimentos - quem em era

4 Men nome era Sergio Pomben

3 En integrar o Porthman P. Nistico

3 Aquilo dia em diante o passado ficaria no
passado

3 As vezes da desejo ser um homem unico para futuras

Solfieri criado por Álvares de Azevedo
(Noite na Taverna, 1855):

Alfredo e Georgina Magalhães criados por Apelles Porto
Alegre
(Georgina, 1873-1874):

Giovanni criado por Aquiles Porto Alegre
(Giovanni, 1873):

Doutor Benignus criado por Augusto Emilio Zaluar
(Doutor Benignus, 1875)

Sérgio, Bento e Aristarco criados por Raul Pompéia
(O Ateneu, 1888):

Vitória criada por Inglês de Souza
(Contos Amazonicos, 1893):

Quanto aos demais indivíduos citados nessas páginas secretas,
são de autoria de Enéias Távares, autor ocasionalmente
avistado nas proximidades do centenário túnel cabalístico nas
proximidades do Pantano do Guayba.

Os fragmentos desse notário foram recuperados após serem
enterrados e sua materialização em nossa realidade
espaço-temporal foi realizada pelo investigador do oculto e
artífice arcano Karl Felipe.

